

## O AGRO É POP? De Carlos Augusto Dias de Carvalho<sup>1</sup>

A agricultura brasileira tem sido percebida como um caso de sucesso por todos que hoje acompanham e analisam sua performance. Mas nem sempre foi assim.

É fácil registrar no passado, diferentemente no resto do mundo, uma agricultura que até a implantação da cafeicultura era capaz de produzir, de modo tosco, os alimentos suficientes para um país colonizado a partir de ciclos de produção de curta duração e incapazes de gerar excedentes de magnitude para alavancar recursos para um desenvolvimento econômico contínuo.

Mesmo na primeira fase da cafeicultura, durante mais de sessenta anos, as forças produtivas combinadas num ambiente escravocrata não criaram forças capitalistas relevantes, mas sim uma monocultura colonial marcada pela baixa produtividade e pouca sinergia com outros setores da economia, a exemplo das fazendas de café no Estado do Rio de Janeiro.

Entretando, a partir do fim da escravidão e utilização de grande contingente de imigrantes em São Paulo, é possível registrar o início de uma economia com traços capitalistas, na qual a produção, geração e utilização de excedentes passa a provocar transformações necessárias ao desenvolvimento de uma industrialização singela. Isso é reforçado por um longo período de exportações crescentes e pagamento de salários, que faziam girar o comércio e serviços bancários nas cidades que surgiam em seu interior e criar uma infraestrutura de transporte e portuária adequada.

Por isso, os historiadores, nem todos, identificam na industrialização de São Paulo o auge de uma atividade agrícola que se manteve robusta e com poder transformador até a grande crise econômica de 1929.

Todavia, se compararmos à agricultura de países como Argentina, Canadá, EUA, onde a imigração europeia se deu séculos antes e com acesso a terras de bons solos e topografia, nosso atraso perdurou por tempo tão longo e só foi redirecionado por rupturas, principalmente com a Revolução de 30, a ascensão de Juscelino Kubitschek e do golpe militar de 1964.

Após à grande crise de 1929, a agricultura brasileira buscou alguma diversificação com a ocupação de novas áreas no Sul, principalmente Paraná e Rio Grande do Sul, até a cultura da soja surgir como força transformadora nessas regiões e, nos anos 70, encontrar no Bioma Cerrado – 2 milhões de km<sup>2</sup> – as bases para sua expansão e consolidação de outro padrão tecnológico.

Como consequência de algum esforço de Planejamento, a consolidação do Bioma Cerrado se sustentou a partir da criação, desenvolvimento e adoção de tecnologias desenvolvidas pela EMBRAPA e EMATER, entre elas a neutralização da acidez do solo, além de um Sistema de Crédito Rural que permitiu acelerar a produção de culturas que

---

<sup>1</sup> Artigo postado em 02.02.2024

hoje caracterizam o AGRO, embora com um custo ambiental relevante, derivado da ocupação predatória que alcançou as fraldas da Amazonia Legal.

Assim, partindo de uma agropecuária atrasada, o Brasil passou por um processo acelerado de crescimento e que hoje vê consagradas várias culturas pujantes, com destaque mundial para a produção de Cana de Açúcar (1º), Soja (1º), Milho (3º), Laranja (suco-1º), Carnes bovina (2º), frango (2º) e suína (4º), algodão(4º) e cacau (7º), resultando em saldo comercial com o exterior da ordem de US\$ 148,58 bilhões em 2023 ante US\$ 141,63 bilhões em 2022 (Aragão e Contini).

Ademais, fica evidente que tais saldos, além de crescentes ao longo do tempo, vieram acompanhados de ganhos de produtividade robustos, atingindo 400% no período 1975-2020, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA – e uso mais racional da terra nas áreas já consolidadas (Gasques et alii).

Outro aspecto a ser destacado diz respeito à expressiva mudança nas correntes migratórias decorrente da expansão do AGRO, com destaque para o Bioma Cerrado no Centro-Oeste e MAPIBA (Maranhão, Piauí e Bahia). Para ilustrar, registramos a divulgação do último Censo Demográfico do IBGE, indicando um crescimento populacional de 1,23% ao ano no Centro-Oeste, contra 0,52% para o país, no período 2010-2020. Importa observar que a tecnificação da agropecuária gerou uma urbanização crescente em várias cidades da região, fonte de oportunidades crescentes no setor de serviços de apoio e processamento de produtos do AGRO.

Outrossim, há que ser enfatizada a ocorrência de importante elevação da renda média na região, que segundo dados do IBGE para 2022 confirmam as transformações na região – rendimento nominal mensal per capita de R\$ 1.909,00 contra R\$ 1625,00 para o Brasil e São Paulo (1º) com R\$ 2.148,00, desconsiderando o Distrito Federal com R\$ 2.913,00.

Igualmente importante é o desenvolvimento da infraestrutura, após décadas de improvisos, com destaque para a recém inaugurada Ferrovia Norte-Sul, início da construção das Ferrovia de Integração Centro-Oeste – FICO – e Ferrovia de Integração Oeste-Leste – FIOLO – partes de um sistema ferroviário que definirá diversas alternativas de escoamento das safras e produtos transformados, bem como o acesso a insumos de outras regiões, inclusive do exterior.

Do mesmo modo, merecem menção a já parcialmente implementada Rodovia Bioceânica, ligando os portos do nosso litoral Leste ao Paraguai, norte da Argentina e Oceano Pacífico (Antofagasta-Chile), e a Hidrovia do Rio Madeira e outras, que irão gerar barateamento e segurança muito relevantes no escoamento da produção do Centro-Oeste, a partir de Porto Velho (RO), Itacoatiara e Santarém, no Amazonas, Miritituba e Belém, no Pará, e São Luís (MA).

Todavia, há aspectos de imensa relevância associados à questão ambiental e negligenciados pela sociedade brasileira, justamente preocupada com a crescente desigualdade de renda e precarização do trabalho, cabendo sublinhar as alterações climáticas capazes de comprometer o futuro do AGRO, principalmente a partir da irregularidade do regime de chuvas e do esgarçamento de nossas relações comerciais com países importadores proeminentes.

Felizmente, a preocupação com a Amazônia tem entrado na pauta de organizações mundiais e nacionais, permitindo antever que a infraestrutura acima mencionada seja utilizada para alavancar a agregação sustentável de valor para produtos do Centro-Oeste e Amazônia (agroflorestas), consolidando uma tendência migratória para essas regiões.

Portanto, é possível antever um contínuo processo de desenvolvimento em nossa marcha para o Oeste, que seja inclusivo e gerador de oportunidades, decrescentes em muitas regiões das grandes metrópoles brasileiras.

Ainda, quanto ao futuro, é de fundamental importância registrar a contribuição do AGRO para a transição energética a partir do etanol de 1ª e 2ª gerações, biomassa da cana e do processamento do milho – rotina nos EUA –, de significativa relevância para a eletrificação da frota de veículos de toda ordem, através da Fuel Cell, tecnologia prestes a ser disseminada pela indústria automobilística, que juntamente com o Hidrogênio Verde – H2V – derivado de energia fotovoltaica e eólica *on* e *offshore*, têm poder no relançamento de um programa de industrialização sustentado por padrão tecnológico inovador.

Assim, respondendo que SIM, o AGRO é POP, me associo aos que se preocupam com a segurança alimentar dos brasileiros, vulnerável a choques recorrentes de ofertas de produtos básicos, consequência de políticas tímidas para as áreas de engenharia, conservação e distribuição de alimentos, bem como da excessiva expectativa em soluções de mercado.

Finalmente, indico que a disponibilidade de Sistemas Fotovoltaicos de baixo custo podem assegurar o acesso a volumes hídricos relevantes – retidos em aquíferos – pelos pequenos agricultores do semiárido do Nordeste, capacitando-os a superar a tradicional restrição à produção agrícola pelas famílias de baixa renda.

Bibliografia.

<sup>(1)</sup> Adalberto Aragão e Elisio Contini. O AGRO NO BRASIL E NO MUNDO: UMA SÍNTESE DO PERÍODO DE 2000 A 2020, Embrapa SIRE.

<sup>(2)</sup> José Garcia Gasques, Eliana Teles Bastos, Mirian Rumenos Piedade Bacchi e José Eustáquio Ribeiro Vieira Filho / Brasília, maio de 2022. IPEA, TD 2764 - Produtividade total dos fatores na agricultura - Brasil e Países Seleccionados.